

## *Metáforas da virilidade:*

### *O piropo na educação em sexualidade com perspectiva de gênero*

Filomena Teixeira  
Fernando Moreira Marques

Começemos por um episódio da mitologia grega sobre Zeus, o deus dos deuses e Métis, a sua primeira esposa:

Zeus desejava com ardor a titânide Métis, que, para escapar de seu assédio, se transfigurou em variadas formas, até que, finalmente, ele a agarrou e a engravidou. Um oráculo da Mãe Terra declarou, então, que o nascituro seria uma menina e que, se Métis engravidasse mais uma vez, daria à luz um filho fadado a depor Zeus, assim como Zeus depusera Cronos e como este havia deposto Urano. Portanto, após seduzir Métis, atraindo-a para o seu leito com palavras melífluas, Zeus, de repente, abriu a boca e a engoliu, e esse foi o fim de Métis, embora ele, depois, alegasse que ela lhe dava conselhos de dentro do seu ventre (GRAVES, 2018, p. 81).

A antropóloga Carol J. Adams (2016) considera que a carne tem sido usada na cultura ocidental como uma metáfora da opressão das mulheres. Nesse sentido, apresenta a história de Zeus e Métis como o paradigma do consumo de uma mulher depois de violá-la. Zeus, “o patriarca dos patriarcas, deseja Métis, persegue-a, com lisonjas e palavras melífluas consegue conduzi-la à alcova, submete-a, viola-a e depois engole-a. Mas diz que segue os seus conselhos de dentro do seu ventre, onde ela permanece” (p. 64). Para Adams, o consumo parece ser a etapa final do desejo sexual masculino e, como tal, fará parte da linguagem patriarcal. Daí que este exemplo de Zeus, ao instituir o objeto sexualmente desejado como algo consumível, se torne numa componente essencial da cultura androcêntrica, onde a violência sexual e o consumo de carne se interpenetram.

A riqueza simbólica deste mito leva-nos ainda mais longe. Segundo Adams, este é também um mito sobre o consumo masculino da linguagem feminina e para Robert Graves (2018, p. 82) revela uma insistência dogmática sobre a sabedoria como uma prerrogativa masculina, já que ao engolir Métis, Zeus conservou toda a sabedoria e todo o conhecimento até aí apenas pertença da deusa.

Diversos piropos recolhidos no quadro deste estudo expressam claramente a metáfora do sexo feminino como carne e o desejo sexual masculino como o seu consumo. “Comia-te toda!”, “És toda gostosa!” ou “És boa como o milho e eu gosto de pipocas”, são exemplos das realizações discursivas que os e as jovens conhecem da sua experiência quotidiana: ouvidas, sentidas e também ditas.

### **Aproximações ao Piropo**

Em Portugal, o piropo, enquanto fenómeno sociolinguístico, não tem tradição de estudo académico. Não há registo de ensaios ou teses de doutoramento com esse título ou assunto na Biblioteca Nacional ou nos repositórios das principais instituições científicas nacionais. Sabemos, contudo, que o piropo é uma prática cultural enraizada. O interesse sobre o piropo é recente e essencialmente político, acompanhando a agenda mundial sobre igualdade de género. Emerge na imprensa, na internet e em algumas publicações no campo jurídico e de estudos das mulheres com o debate público sobre a violência de género, o assédio sexual e o seu enquadramento jurídico em termos penais.

Apesar disso, temos em Arnaldo Saraiva, especialista em literaturas marginais e marginalizadas<sup>1</sup>, uma ajuda preciosa, já que se debruçou sobre o tema em duas crónicas de imprensa, atribuindo ao piropo um estatuto semiótico inconfundível. Na crónica que publicou no *Jornal de Notícias*, em 29 de dezembro de 1984, intitulada “Piropo: definição, modalidades e exemplos”, propõe a seguinte significação:

É um texto breve e luminoso (ou poético); é um texto tradicionalmente enviado por um homem a uma (ou mais) mulher(es) de que geralmente fala, embora nada impeça que seja também um texto enviado por uma mulher a um ou mais homens (já se vai vendo ou ouvindo) e até por uma mulher a outra, por um homem a outro; é um texto oral, ainda que dele se aproximem certos textos escritos [...] e ainda que possam equivaler a piropos certas sinalizações sonoras ou musicais (entoações, estalos de língua, ruídos de beijos, assobios) ou certas sinalizações visuais e gestuais (olhares, poses, sorrisos, reverências, levantar-se

---

<sup>1</sup> Ver a propósito Carlos Nogueira, Arnaldo Saraiva e as Literaturas Marginais e Marginalizadas, in Morujão, I. e Santos, Z. [Coord] *Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil – Homenagem a Arnaldo Saraiva*, 493-509. Porto, CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011.

descobrir-se, etc.); é um texto eufórico: quem bo diz manifesta (simuladamente ou não, pouco importa) uma alegria, um desejo, um prazer, faz um elogio, denuncia quase sempre uma intenção – a de estabelecer contacto, ter relação e, sobretudo relações com a pessoa a quem o dirige; é um texto que directa ou indirectamente convoca o todo ou as partes (sexuais) do corpo do destinatário (ou destinatária); é um texto que se diz ou se ouve em trânsito, até mesmo de automóvel, e preferentemente em espaços abertos (ruas, praças, esquinas, saídas de cinema, cafés, igrejas, escolas, restaurantes, jardins, praias, perímetros de edifícios em construção); é um texto que, pressupondo alguma distância social entre o locutor e o alocutário (pelo que não são propriamente piropos ou galanteios entre namorados), pode funcionar não só como estímulo de contacto, mas também como uma espécie de exibição ou de garantia da virilidade e da feminilidade, própria ou alheia (SARAIVA, 1984b).

Nesta e em outra crónica publicada uma semana antes no mesmo jornal<sup>2</sup>, o autor preocupa-se em distinguir o piropo do “piropo”: o primeiro, cortês e literário; o segundo, injurioso e vulgar, também designado pseudo-piropo. Os marcadores de separação são diversos. Desde logo as aspas, sinal de antífrase e ironia. Saraiva lamenta a decadência do piropo em Portugal como arte de cortejar por excelência. E não poupa nas palavras, chegando mesmo a usar a expressão “miséria portuguesa”: “E é mais uma prova da confusão e da deseducação gerais o supor-se que são piropos algumas bocas que os homens mandam às mulheres na via pública [...] porque trata-se exatamente do contrário de um piropo que nunca pode ser insultuoso, grosseiro, desvalorizante ou depreciativo e que nunca pode dispensar a graça e a imaginação”. O campo semântico do piropo para o autor inclui expressões como amor cortês, trovadores, cortesia, gentileza, arte de cortejar, graça e imaginação.

Arnaldo Saraiva (1984b) define algumas das características do piropo e do seu contexto social que importa aqui resumir:

- O piropo é um problema de quem o diz, uma mensagem complexa em si mesma, ainda que pareça convocar o outro, a resposta do outro (aqui, claro, a mais das vezes, de uma outra), que geralmente não é dada;

---

<sup>2</sup> Jornal de Notícias, 22 de dezembro de 1984, crónica Bricolagens, última página (SARAIVA, 1984a).

- O piropo é uma afirmação de virilidade que às vezes funciona mais para a galeria, para companheiros machos - ou para o próprio, inseguro - do que para a mulher;

- A regra da prudência manda que a mulher fique impassível perante o mais sublime ou o mais bem-humorado dos piropos do mais atraente dos piropeiros;

- O conceito de piropo não é, nem pode ser, igual para todos ou para todas; ao fim e ao cabo, é a receção que decide onde há ou não há piropo;

- O piropo é um jogo do masculino e feminino;

- O piropo não é coisa que se cale ou que se guarde, mas também não é tudo o que se diz.

### **O debate público sobre a importunação sexual**

A *Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica*<sup>3</sup>, adotada em Istambul, a 11 de maio de 2011, colocou na agenda política e social as questões do assédio sexual no espaço público. A Convenção foi ratificada por Portugal, em cinco de fevereiro de 2012, seguindo-se um debate intenso sobre os caminhos a seguir e as decisões a tomar relativamente ao desenho das medidas necessárias para a pôr em prática, designadamente as que interpelavam o ordenamento jurídico estabelecido. Os media impressos, a TV e a internet são, ainda hoje, testemunho das ideias e discursos em jogo<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> A Convenção entrou em vigor em 1/8/2014, foi já ratificada por 34 países e espera a ratificação dos outros 11 que a assinaram. A União Europeia foi a única organização internacional que assinou a Convenção, em 13/06/2017. Nenhum Estado não membro do Conselho da Europa a assinou até agora.

<sup>4</sup> Ver a propósito: Fernanda Cândia, “Piropos já são crime e dão pena de prisão até três anos”, *Diário de Notícias*, 28/12/2015, <https://www.dn.pt/portugal/interior/piropos-ja-sao-crime-e-dao-pena-de-prisao-ate-tres-anos-4954471.html>; Henrique Monteiro, “Piropo é liga de cobre e galanteio. Mas não é ordinárice”, *Expresso*, 07/01/2016, <https://expresso.pt/sociedade/2016-01-07-Piropo-e-liga-de-cobre-e-galanteio.-Mas-nao-e-ordinarice>; José Soeiro, “Enchia-te toda de leite”, *Expresso*, 01/01/2016, <https://expresso.pt/blogues/2016-01-01-Enchia-te-toda-de-leite> . “Denúncias por importunação sexual continuam a aumentar, mas não se sabe se é da ‘lei do piropo’”, *Público*, 03/08/2019 <https://www.publico.pt/2019/08/03/sociedade/noticia/crimes-importunacao-sexual-subiram-2018-sabe-piropo-1882255>

É neste contexto que se discute o piropo, transformado numa questão central durante o debate público sobre a importunação sexual. Para uns, marca literária de uma matriz sociocultural a preservar. Para outros, expressão sociolinguística de uma tradição de dominação masculina que se pretende romper.

A necessidade de adotar as medidas previstas no artigo 40º da Convenção, transpondo-as para o direito português, gerou um debate acesso sobre a criminalização do assédio verbal. A consideração do piropo como uma das formas de assédio sexual verbal machista suscitou diversas propostas de criminalização que deram origem a objeções ou acordo de penalistas<sup>5</sup>.

Numa perspetiva de género e de direitos humanos, o piropo afeta a liberdade e a dignidade das mulheres no espaço público, tanto quanto afeta a liberdade e autodeterminação sexual de adolescentes.

### **Do galanteio à violência sexual**

No seu percurso etimológico de sentido de fogo ou cor de fogo e de pedra preciosa (fina brilhante, avermelhada), o piropo metamorfoseia-se em fogo sensual e sexual, passando da poesia e do teatro popular para a rua, durante o século XIX<sup>6</sup>. Dele ficaram na memória coletiva, de forma mais impressiva, as duas dimensões de sentido referidas por Arnaldo Saraiva.

Em nosso entender, tanto na sua asserção de arte de cortejar (galanteio) como na de assédio verbal (importunação sexual), o piropo é uma manifestação discursiva da cultura patriarcal, participando nos mecanismos de poder e de submissão da dominação masculina. De facto, em qualquer dos cenários, a voz e o desejo dominantes são sempre masculinos. A diferença está na gestualidade social, nos recursos estilísticos utilizados, no vocabulário e nas alusões diretas ao sexo. O jogo de poder e o sentido de violência simbólica que pressupõem atravessam os dois cenários.

---

<sup>5</sup> Ver a propósito Clara Sottomayor, A Convenção de Istambul e o novo paradigma da violência de género, *Ex aequo*, n.º 31, 2015, pp. 105-121.

<sup>6</sup> Veja-se o estudo sobre o piropo espanhol de Gabriela Preisig (1998).

## **O piropo como caso de estudo**

Partindo deste posicionamento teórico, introduzimos a temática do piropo em sessões de um programa de educação em sexualidade com perspectiva de género, destinado a jovens do ensino secundário, entre 15 e 17 anos, de 1 turma do 10º ano (n=13) e 3 turmas do 11º ano (n=59) de duas escolas da cidade de Coimbra. Num momento em que emergia um debate público sobre violência de género e assédio sexual, importava conhecer as experiências e as representações sociolinguísticas de adolescentes urbanos sobre o piropo. O foco na abordagem destas questões visou problematizar os efeitos de determinadas práticas socioculturais na restrição do direito à liberdade e autodeterminação sexual. Com esse objetivo, no quadro das propostas didáticas das sessões sobre violência sexual e de género, foram recolhidos relatos sobre experiências quotidianas do piropo a partir de um roteiro de questões prévias incidindo na definição de piropo, no seu significado socio-histórico, no seu contexto e em exemplos significativos. Os relatos serviram como ponto de partida para as atividades de análise, reflexão e debate sobre o vivido, sendo, posteriormente, sujeitos a análise do discurso, cujos resultados, em parte, aqui se apresentam.

## **Os cenários do piropo**

O piropo é maioritariamente uma prática de rua e a seguir de escola, discoteca e centro comercial<sup>7</sup>.

Para Connell (1987), a rua pode ser vista como uma instituição ou, pelo menos, como uma configuração social definida, marcada por relações sociais específicas. Enquanto contexto social, a rua “mostra as mesmas estruturas de relações de género que a família e o estado. Tem uma divisão do trabalho, uma estrutura de poder e uma estrutura de cathexis<sup>8</sup>”. Na sua perspetiva, “a rua é um

---

<sup>7</sup> De acordo com os relatos, o piropo acontece nos seguintes locais: rua (56,6%), escola (18,9%), discoteca (9,4%), centro comercial (3,8%), piscina (3,8%), praia (3,8%), redes sociais (1,9%) e ambientes desportivos (1,9%). Embora referidas isoladamente, as paragens de transportes públicos foram incluídas em rua.

<sup>8</sup> Connell (1987) considera que existe uma dimensão emocional e erótica nos relacionamentos sociais. Usa o termo cathexis para definir a estrutura que organiza os afetos sexuais e emocionais entre as pessoas no mundo real. Para Giddens (2010, p. 121), a cathexis de Connell “diz respeito à dinâmica das relações íntimas, emocionais e pessoais, incluindo o casamento, a sexualidade e a educação das crianças”.

cenário de muita intimidação das mulheres, desde o assédio de baixo nível<sup>9</sup> até à agressão física e à violação”. Neste sentido, a rua torna-se num campo de batalha. Mas pode também ser vista como um teatro – “um dos grandes teatros da sexualidade e estilos de masculinidade e feminilidade” – e, neste sentido, é performativa, abrindo espaço à diversidade e à mudança.

Mas, nos relatos, também a ocorrência do piropo na escola é significativa, constituindo uma parte do currículo oculto de que quase nunca se fala. Giddens (2010) define currículo oculto como “uma agenda implícita” do processo de escolarização. Tal implica a aprendizagem de comportamentos ou atitudes não explícitas no currículo formal, designadamente os que estão associados às diferenças de género. Trata-se, no fundo, como disse Ivan Illitch, de ensinar às crianças que o seu papel na vida é “saber qual o seu lugar e conformar-se com ele” (GIDDENS, 2010, p. 516).

De acordo com Graciela Morgade (2016) tanto no currículo explícito, como no currículo oculto e no currículo ‘nulo’<sup>10</sup>, as escolas não só não são neutras em termos de perspectiva de género, como tendem a suportar e reproduzir os dispositivos da heteronormatividade: divisão sexual do trabalho, participação política, invisibilidade das formas de experiência humana não dominantes. Como sabemos, tudo isto expressa-se, desde logo, na linguagem escrita e falada, regra básica inscrita na gramática da escola.

A rotina pedagógica escuda-se nos conhecimentos disciplinares formalizados nos programas, raramente trazendo a debate as práticas sociais adolescentes em termos de género e sexualidade. Embora permita focos de mudança, localizados aqui e ali, a escola mantém-se como uma poderosa instituição de reprodução cultural<sup>11</sup>. Por isso, tem especial relevância a

---

<sup>9</sup> Connell (1987) dá, como exemplo, o piropo sob a forma de assobio (*wolf-whistling*).

<sup>10</sup> Para a autora, “os silêncios sistemáticos que falam”.

<sup>11</sup> Giddens (2010, p. 701) define reprodução cultural como a “transmissão de valores culturais e normas de geração em geração” incluindo “os mecanismos pelos quais a continuidade da experiência cultural é sustentada no tempo”. Salientado o papel central dos sistemas educativos nesse processo, o autor acrescenta: “Os progressos de escolarização nas sociedades modernas são dos principais mecanismos de reprodução cultural, e não operam unicamente através do que é ensinado na instrução formal. A reprodução cultural tem lugar de um modo mais profundo através do currículo oculto – os aspetos do comportamento aprendidos de modo informal na escola pelos indivíduos”.

abordagem curricular das relações de poder que atravessam o binómio género e sexualidade e que afetam de forma desigual quem nela aprende e ensina.

As discotecas e os centros comerciais, lugares de lazer e deambulação de adolescentes, são também cenários onde o piropo acontece. A piscina, a praia e os ambientes desportivos, onde o corpo se expõe mais descoberto, suscitam igualmente alguns piropos. Surpresa, é a sua fraca ocorrência relatada nas redes sociais, cenário onde as práticas de assédio sexual são frequentemente mencionadas na comunicação social.

### **O piropo que se ouve e se diz**

Do conjunto de relatos recolhidos, foram identificados 110 piropos verbais diferentes, apresentando alguns deles diversas variações. Apenas 4, são interjeições do tipo “Ui, Ui!” e “Psss!”. A extensa lista mostra, desde logo, a familiaridade dos piropos na experiência de vida deste grupo de adolescentes. Dos 72 relatos recolhidos, apenas 1 não menciona qualquer piropo recebido ou dito. Quanto aos piropos não verbais, são referidos assobios, gestos de levantar as saias, sons de cavalo, vaca e touro: “BFFRRR!” e “MUUUUH!”.

Os piropos mais vezes referidos transmitem-nos, desde logo, o sentido masculino e sexual dominante:

*O teu pai é terrorista? És cá uma bomba!*

*És como um helicóptero: gira e boa.*

*És boa como o milho!*

*Ó estrela, queres cometa?*

*És toda boa!*

*O teu pai é padeiro? É que és cá um pão!*

*A tua mãe é uma ostra? É que és cá uma pérola!*

### **A natureza sexual do piropo**

Como é qualificado o piropo? Que juízo é feito por este grupo de jovens sobre o piropo que conhecem nos cenários do dia a dia?

A natureza sexual do piropo é mencionada nas definições apresentadas na maioria dos relatos. Aparece enunciada como o motivo principal do piropo ou como uma das suas marcas mais relevantes em termos de intencionalidade. São disso exemplo:

*Piropo é uma tentativa verbal de causar algum tipo de excitação sexual em outrem, geralmente direcionado de um homem a uma mulher. [...] o*

*piropo é uma tentativa de demonstrar uma pretensão de ter relações sexuais com outrem.*

*É uma frase ou um gesto que demonstra desejo sexual pelo outro; com vista a praticar relações sexuais. [...] é uma forma de tentar ter contacto com o outro, estabelecer uma relação normalmente sexual.*

*É um chamamento quase primitivo de cariz sexual a uma mulher por parte de um homem”. [...] “é um modo de um indivíduo do sexo masculino mostrar interesse sexual num indivíduo do sexo feminino através de um chamamento que muito provavelmente tem origens primitivas.*

*É um elogio com carácter sexual, isto é, quem o diz fá-lo de uma forma perversa em alto e bom som.*

*É uma forma de expressar o interesse sexual numa pessoa do sexo oposto que acha atraente.*

*[...] é quando se acha interesse em alguém visualmente.*

*Para mim, um piropo é uma frase feita, utilizada para atrair a atenção de alguém a nível sexual.*

Neste contexto sexualizado, o piropo é percebido como uma tentativa de conquista masculina onde o corpo ou a aparência física sobressai como seu objeto:

*O piropo é uma tentativa de engate. [...] para mim significa uma tentativa de aproximação e quebra gelo ou o simples ‘gozar’ com alguém ou até mesmo uma tentativa de aproximação sexual.*

*Um piropo é uma boca em relação a sexo, uma tentativa de alguém conquistar.*

*Um piropo foi, é e será sempre um grito de acasalamento por parte de um ser menos esclarecido no que toca às relações entre géneros.*

*É uma espécie de comentário, uma forma de nos atirmos a outra pessoa”; [...] o significado socio-histórico do piropo é alguém se atirar, tentar ‘engatar’ uma pessoa; sempre existiu.*

*O piropo é uma frase, adjetivo ou expressão que uma pessoa atribui a outra que considera atraente do ponto de vista físico;*

*É alguma coisa que nos é dita de maneira a, subtilmente ou não, elogiar o aspeto físico.*

### **Analogias e metáforas sobre o corpo feminino**

Os piropos referem-se à aparência física e ao corpo enquanto objeto sexual. Não são ditos piropos sobre capacidades intelectuais, competências sociais ou qualidades éticas.

A metáfora da mulher-alimento é recorrente, sendo comparada a fêvera, *nuggets*, peixe, pão, sonho (bola de Berlim), broa e milho-pipocas.

*Ó fêvera, vem à brasa.*

*Você é um peixão!*<sup>12</sup>

*O teu pai é padeiro? É que és cá um pão!*

*Seu pai é padeiro? Porque você é um sonho.*

*És uma broa.*

*És boa como o milho e eu gosto de pipocas.*

A metáfora da mulher-objeto de valor compara o corpo feminino a pérola, obra de arte, obra de construção, joia, avião ou carro, através do jogo de analogias entre pai/mãe-filha, profissão-produto ou proprietário-objeto e também a vinho do Porto, pela sua gostosa depuração ao longo do tempo:

*A tua mãe é uma ostra? É que és cá uma pérola!*

*O teu pai é pintor? És cá uma obra de arte!*

*Ó joia, anda cá ao ourives.*

*O teu pai deve ter um aeroporto, tu és cá um avião!*

*O teu pai deve ser mecânico, és cá uma máquina.*

*O teu pai é pedreiro? É que és cá uma obra!*

*Tu és como o Vinho do Porto, cada vez mais boa.*

A consideração da mulher como ser que age por instinto, leva a criação de um piropo onde se joga a correspondência semântica entre o som emitido por um felino doméstico e os gemidos de uma mulher sexy:

*Tu mias? É que és cá uma gata!*

A metáfora da mulher-anjo encontra-se em dois piropos, um deles pensado para a obtenção de uma reação verbal da destinatária que logo tem resposta:

*Magoaste-te quando caíste do céu?*

*Como é possível estares viva? [Ela diz qualquer cena, e eu digo: É que caíste do céu.*

*A metáfora da mulher-flor, carente de cuidado, expressa-se neste piropo:*

*Ó flor, queres regador?*

Um dos piropos mais relatados escreve-se com o binómio pai terrorista-bomba para chegar ao de filha-sexy. Os referentes mostram o alinhamento do piropo com os destaques dados à violência pelos media. O humor sombrio expresso na alusão pública a um pai terrorista, só pode desencadear um

---

<sup>12</sup> Termo popular que significa, no Brasil, “mulher vistosa, bonita e de boas formas”.

sentimento de desconforto e humilhação, muito embora a metáfora sexual da bomba:

*O teu pai é terrorista? És cá uma bomba!  
Deves ser filha de um terrorista, és cá uma bombaaa!  
És filha de Bin Laden, és cá uma bomba!*

Em outros piropos, a lascívia sentida pelo locutor é causada pelo corpo atraente ou expressão facial da destinatária:

*O teu é pai astronauta? É que o teu sorriso leva-me às estrelas.  
O teu pai é bombeiro? É que tu pões-me em brasa.*

### **O corpo fragmentado**

À semelhança dos processos culturais dominantes de objetificação do corpo feminino, o piropo opera a sua fragmentação através do discurso, acentuando uma obsessão libidinosa. A par dos órgãos genitais, outras dimensões habitualmente sexualizadas fazem parte da enunciação: nádegas, mamas e contornos do corpo.

Dos genitais femininos, o clítoris e a vulva são nomeados em calão (grelo, testa), fazendo apelo a um imaginário brejeiro e popular, que evidencia as marcas sociais dos falantes:

*Até tirava os dentes da frente para te chupar melhor o grelo.  
Espremo-te isso até sair Fanta.  
Metia-te uma laranja na boca e chupava-te o grelo até sair Fanta<sup>13</sup>  
Lambia-te essa testa!  
Queres Ketchup?<sup>14</sup>*

Os termos usados para as nádegas são na maioria das vezes vulgares e, em alguns casos, têm um sentido de ofensa e humilhação. Os piropos que a seguir se transcrevem mostram essa variedade lexical:

*Com um cu desses, deixava-te vir cagar a minha casa.  
Boa almofada.  
Tens cá um panelão!*

---

<sup>13</sup> O blogue *O Mundo das Marcas*, sintetiza a receita de sucesso da marca Fanta, um dos cinco refrigerantes mais vendidos no mundo: “Cores alegres, sabor de frutas, muitos deles exóticos, embalagens modernas e um pouco de gás [...] uma comunicação ousada e divertida [...] voltado para um público adolescente e jovem ávido por novidades” - <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/06/fanta-fun-with-fanta.html>

<sup>14</sup> Trocadilho fonético com “Queres que t chupe?”.

*Grande cagueiro.*

*Granda peida.*

*Belo pacote.*

*Tens um beff.*

*És como um camião, tens cá uma traseira.*

As mamas são metaforizadas em componentes de automóvel, mobiliário de suporte ou objetos flutuantes:

*Esses airbags!*

*Com esses para-choques quem é que precisa de carro.*

*Fala-me dessas prateleiras.*

*Com essas boias não me importava de cair ao mar.*

Os contornos ondulantes do corpo feminino são um estereótipo de atração sexual e, por isso, motivo de diversos comentários. De novo, o universo do automóvel, clichê masculino, serve de ponto de partida:

*És um carro? É que tens cá umas curvas.*

*És uma pista de corrida, é que tens cá umas curvas.*

*Fico tonto só de olhar para as tuas curvas.*

### **Figurações do sexo e da relação (hetero)sexual**

Diversos piropos expressam uma intenção clara do falante de enredar a destinatária na sua voracidade sexual. Não se limitam a um comentário ou a um elogio. Antes comunicam um desejo imperativo de apropriação do corpo alheio para satisfação sexual. Afirmam propósitos libidinosos, publicitam potência sexual, remetem para proezas sexuais onde não há limites para o exagero. Verbos como comer, chupar e lambar são ilustrativos.

As alusões à relação sexual são sempre heteronormativas. É um terreno privilegiado para a exibição da virilidade, exemplificada em diversos piropos como estes:

*Tirava-te os três.*

*Já marchavas.*

Exemplo paradigmático é o que remete para o ato de penetração através de uma metáfora de corpos celestes e de um trocadilho fonético:

*Ó estrela, queres cometa?*<sup>15</sup>

Um outro, parte da mesma metáfora para acrescentar a polissemia sexual dos efeitos da lua no comportamento humano (lua cheia, lua de mel):

---

<sup>15</sup> “Ó estrela queres que o meta? ou “cu meta?”

*Ó estrela! Vamos à lua?*

Mas ainda se pode ir mais longe na magnitude dessa virilidade. A similitude de um pênis com a potência de uma broca de perfuração de um poço de petróleo é um exemplo elucidativo, tanto mais quando é associado a uma estratégia de predador:

*Saltava-te em cima até encontrar petróleo.*

A cultura do *fast-food* também sugere o imaginário sexual masculino para um piropo de humilhação, onde se denota a presença, em pano de fundo, do duplo padrão sexual:

*A tua irmã é como a nuggets do MacDonal'd's, encaixa de quatro.*<sup>16</sup>

Outro conjunto de piropos, talvez acompanhados de um suspiro prolongado, deixam no ar o insaciável apetite sexual masculino, que conhecemos como um dos mais fortes estereótipos de género:

*O que eu fazia contigo...*

*O que eu te fazia...*

A cultura “pimba” é fonte de inspiração do piropo. O uso do refrão de uma canção popular do Brasil serve de mote:

*Oh, lá em casa na minha cama.*<sup>17</sup>

Os genitais masculinos também fazem parte do glossário do piropo. Traduzem a virilidade em palavra e remetem para a ação desejada. Aparecem em calão, num pedido explícito, incandescentes ou disfarçados em objetos fálicos: brasa, regador, taco de bilhar, foguetão e pau:

*Chupa-me a piça.*

*Ó febra, chega-te à brasa.*

*Ó flor, queres regador?*

*Vamos jogar bilhar?*

*Queres ir à lua? Monta aqui no foguetão.*

*Sabes se o Paulo vem?*<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Trocadilho com a caixa de *Chicken McNuggets* (carne de frango processada, panada e frita) vendida em porções de quatro, uma vez que, segundo a empresa: “Three would've been too few. Five would've been like, wacky”. *Encaixa de quatro* (em caixa de quatro) remete para a penetração sexual da mulher por detrás.

<sup>17</sup> “Oh, Lá Em Casa!” Banda Champion. <https://www.letras.mus.br/banda-champion/1919074/> Também em “Ô Lá Em Casa” Léo e Junior <https://www.letras.mus.br/leo-junior/1670702/>

<sup>18</sup> Trocadilho fonético com “sobes o pau bem?”.

O cardápio malicioso do piropo também se serve da religião para a investida sexual, emergindo em frases retóricas onde se joga com a tradicional predominância do catolicismo em Portugal. A interpelação “És católica?” põe em jogo uma estratégia enganosa que visa diminuir a distância psicológica para, logo a seguir, surpreender a destinatária com uma blasfémia<sup>19</sup>:

*Andas à procura de Deus? Então põe-te de joelhos.*

*És católica? Então deixa-me ir-te ao cu por amor de Deus.*

*És católica? É que tens um cu que valha-me Deus.*

Em outro piropo, o convite apresenta-se sob o véu do enamoramento:

*Por acaso és católica? Então, deixa-me levar-te a sair por amor de Deus.*

Piropos com pretensão mais literária anunciam a potência masculina como um parque de diversões, garante da realização sexual:

*Ó Alice, queres vir conhecer o país das maravilhas?*

Por vezes, nem o imaginário da relação incestuosa escapa, a coberto de um uso carinhoso do termo “filha”, vulgar na intimidade sexual com o sentido de “querida”, mas sem esconder a relação de domínio que institui:

*Eu dizia-te, ó filha.*

*Se fosse teu pai, tomava banho contigo todos os dias.*

## O efeito galeria

Como retrato da virilidade, o piropo exige o aplauso ou, pelo menos, o acordo tácito do público masculino. O caçador lança o ataque calculado à presa, exibindo perante os pares a mestria do enredo verbal e a bravura própria do macho. O piropo torna-se, então, um pretexto de afirmação. Deste modo, o piropeador posiciona-se na luta pelos territórios da identidade masculina, ao mesmo tempo que ativa um ritual de poder grupal de raiz patriarcal. À adolescente ou mulher, chegam a voz e o eco das palavras afirmadas e das gargalhadas reiteradas que falam da submissão sexista.

*Oh puto, é gira e boa.*

*Olha esta.*

*O rabo daquela ali fascina-me.*

*Aquela ali é toda boa.*

---

<sup>19</sup> A sodomia e a felação sempre foram consideradas pecados de luxúria contranatura por se afastarem do fim reprodutor da sexualidade. Ver, a propósito dos manuais de confesores, Carvalho (2011).

## O piropo no feminino

Em alguns relatos, são referidos usos do piropo por jovens do sexo feminino, nomeadamente em lugares como discotecas. Nestes casos, o padrão de discurso não se altera, nem a gramática da sua intencionalidade que continua a ter conotação sexual. Seguem, assim, o mesmo modelo de enunciação, denotando uma clonagem da linguagem viril:

*Partia-te todo!*

*Estavas bem na minha cama.*

*És todo bom.*

## Efeitos do piropo

Os efeitos psicológicos e sociais do piropo não têm sido valorizados no campo educativo, contribuindo para a manutenção da ordem de género. Apesar disso, a percepção negativa do piropo é expressa em vários relatos, sendo inclusive reconhecido como ato de importunação sexual:

*Socialmente, significa que muitas pessoas (tipicamente, mulheres) são abordadas através de piropos variadas vezes ao dia. Tal, pode resultar no facto de estas pessoas mudarem a forma como se vestem, a sua rotina diária e até as relações sociais.*

*O piropo pode ser considerado falta de educação ou ofensivo, dependendo da pessoa que o transmite. Pode ser considerado assédio.*

*Socialmente, o piropo é dito por alguém de um estatuto social baixo (principalmente dito por pessoas que trabalham na construção) e é algo negativo. Para mim um piropo é algo mau e que levo a mal pois vem por parte de uma mente perversa.*

*Um piropo é, na minha opinião, uma boca que é feita para causar desconforto e por isso, uma falta de respeito”. “[...] um piropo tanto a rapazes como a raparigas significa que alguém pretende algo com outra pessoa, provavelmente, sexualmente e que muitas vezes excedem os limites e podem causar desconforto e ser desrespeitoso.*

São raros os casos de apreciação positiva. Mesmo quando se descobre no ato do piropo algo lúdico “como uma brincadeira que se faz com as mulheres”, também se reconhece que pode resvalar para a ofensa, mau gosto ou desrespeito:

*Piropo é um gesto de brincadeira, que pode ser ofensiva e normalmente elogiar uma gaja boa que vai a passar no passeio;*

*É uma maneira, que pode ser divertida ou de mau gosto, para tentar ‘chegar’ à pessoa a quem se dirige; de cariz sexual;*

*Para mim um piropo é um ato que demonstra falta de respeito, mas também como uma brincadeira por alguns.*

Por outro lado, também se associa o caráter de brincadeira do piropo ao seu papel na convivência entre amigos. Trata-se de processos de construção de identidades e de afirmação grupal, típicos de culturas juvenis masculinas:

*O piropo é qualquer comentário, geralmente em tom de brincadeira, feito por uma pessoa a outra que lhe causa qualquer tipo de impressão. [...] é uma forma de comentário feito, por exemplo, por um grupo de amigos para se afirmarem ou como forma de convivência.*

Como se constata, o piropo é quase sempre sinónimo de voz masculina. Voz que se faz ouvir, que se impõe como algo natural e inquestionável e que muitas vezes desconforta e intimida. Este poder de dizer, de ritualizar o desejo próprio, associa a dominação no espaço público à posse simbólica do corpo feminino.

### **Considerações finais**

A cidadania vive-se intensamente na urbe, em todos os seus lugares e instituições. As ruturas na dignidade humana que ocorrem no seu território, sejam por razão da pobreza, da violência ou da identidade de género dão-nos uma ideia da natureza das dinâmicas sociais que aí ocorrem e das relações de poder que as atravessam.

A linguagem é a expressão das identidades e propósitos dos atores sociais nos diversos contextos de interação. Através dela se reconhecem as hierarquias nas formas de tratamento, as cumplicidades no uso do sentido, as marginalidades linguísticas, os discursos dominantes ou as lutas pelo significado sobre a realidade.

Na tradição cultural ibérica, o piropo surge no campo poético como uma forma de elogio e enaltecimento da beleza feminina, dita, declamada ou cantada por voz masculina. A partir dos finais do século XIX, o piropo ganha uma expressão particular na cultura popular oral, soando nas ruas, normalmente acompanhado de assobios, gestos e risadas masculinas.

De conteúdo quase sempre sexualizado, o piropo acaba por transformar-se num currículo cultural de género que ensina sobre os papéis sexuais socialmente esperados. O facto de se basear em esquemas de ludicidade linguística como estratégia expressiva, o piropo cativa adolescentes e adultos que veem nele um meio de afirmação da sua virilidade.

O piropo não é apenas uma apreciação subjetiva das qualidades físicas de uma mulher, uma forma de descortesia, um linguajar boçal e grosseiro, uma questão de má educação, mas sim uma das formas mais insidiosas e toleradas de sexismo no quotidiano, facilmente observável como caso de aceitabilidade cultural. De facto, o piropo é uma manifestação de poder da masculinidade hegemónica que atinge a liberdade e a autodeterminação sexual das mulheres, principalmente, mas também de pessoas que assumem modos diferentes de se ser homem ou mulher<sup>20</sup>.

A análise do piropo enquanto discurso e prática social mostrou-se um bom ponto de partida para o debate em sala de aula sobre as relações de poder associadas à sexualidade e ao género. O facto de partir das experiências sociais dos e das adolescentes torna mais próximo e vivido o mapeamento das posições desiguais que atravessam a sexualidade e o género.

A utilização da perspetiva de género na análise sociocultural do piropo de rua percebido por adolescentes permite pôr em jogo a experiência desigual dos corpos femininos e masculinos e os sentidos que sobre eles se tecem. Como por esta via se proporciona a tomada de consciência dos efeitos de poder e saber que marcam as relações de género no quotidiano da cidade, também contribui para desenvolver o pensamento crítico na escola, tornando o exercício da cidadania mais exigente, equitativo e participativo.

Um percurso didático como este que parta da realidade vivida, suscita processos de reflexão sobre as práticas e promove mudanças com sentido no diálogo quotidiano entre diferentes identidades. Deste modo, contribui para colocar cada pessoa no centro de um processo educativo que, além de seu, é, humana e decisivamente, partilhado.

## Referências

- ADAMS, C. J. **La Política Sexual de la Carne**. Uma teoria crítica feminista vegetariana. Madrid: Asociación Cultural Derramando Tinta, 2016.
- CARVALHO, J. R. As sexualidades. In: MATTOSO, J.; MONTEIRO, N. G. (Coord.). **História da Vida Privada em Portugal**. A Idade Moderna. Lisboa: Temas e Debates, 2011. p. 96-129.

---

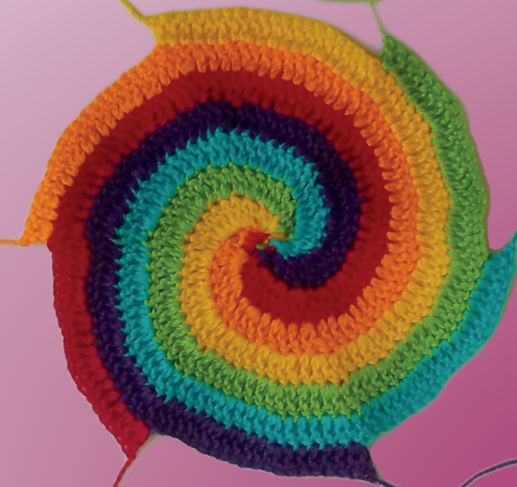
<sup>20</sup> Na sua teorização da ordem de género, Connell (1987) define estes grupos como masculinidades e feminilidades subordinadas e/ou resistentes.

- CONNELL, R. W. **Gender and Power**. Society, the Person and Sexual Politics. Cambridge: Polity Press, 1987.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- GRAVES, R. **Os Mitos Gregos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- MORGADE, G. (Coord.) **Educación Sexual Integral con Perspectiva de Género**. Rosario, Santa Fe: Homo Sapiens Ediciones, 2016.
- PREISIG, G. **Una investigación sobre el piropo español**. Tese de Mestrado em Artes. 1998. The University of British Columbia: Vancouver, 1998.
- SARAIVA, A. A decadência do Piropo. **Jornal de Notícias**, Porto, 22 dez., 1984a. Bricolagens, última página.
- SARAIVA, A. Piropo: definição, modalidades e exemplos. **Jornal de Notícias**, Porto, 29 dez., 1984b. Bricolagens, última página.

Juliana Lapa Rizza  
Joanalira Corpes Magalhães  
Paula Regina Costa Ribeiro  
Ana Luiza Chaffe Costa  
Organizadoras

# Tecituras

Sobre corpos, gêneros  
e sexualidades no espaço escolar



TECITURAS

Sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar



*Tecituras*  
*sobre corpos, gêneros e*  
*sexualidades no espaço escolar*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
FURG

Reitora

CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS

Vice-Reitor

DANILO GIROLDO

Chefe do Gabinete da Reitora

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

MOZART TAVARES MARTINS FILHO

Pró-Reitor de Infraestrutura

MARCOS ANTONIO SATTE DE AMARANTE

Pró-Reitor de Graduação

RENATO DURO DIAS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

LUCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

*Juliana Lapa Rizza  
Joanalira Corpes Magalhães  
Paula Regina Costa Ribeiro  
Ana Luiza Chaffe Costa  
Organizadoras*

*Tecituras  
sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar*



*Rio Grande  
2019*

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

©Juliana Lapa Rizza  
Joanalira Corpes Magalhães  
Paula Regina Costa Ribeiro  
Ana Luiza Chaffe Costa  
Organizadoras

2019

Formatação, revisão e diagramação: Ana Luiza Chaffe Costa  
Designer de capa: Hiago Wagner Silva e Anael Macedo

Dados de Catalogação na Publicação  
Simone Godinho Maisonave – CRB-10/1733

T255 Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar. / organizadoras: Juliana Lapa Rizza, Joanalira Corpes Magalhães, Paula Regina Costa Ribeiro, Ana Luiza Chaffe Costa. – Rio Grande: Ed. da FURG, 2019. 312 p.: il.

ISBN 978-85-7566-589-3

1. Educação 2. Educação sexual 3. Corpos - Escola 4. Gêneros - Escola 5. Sexualidade - Escola I. Rizza, Juliana Lapa, org. [et al.]

CDD 306.7  
372.372

A revisão e todas as opiniões e informações são de inteira responsabilidade dos autores.

## SUMÁRIO

<i>APRESENTAÇÃO</i> .....	9
<i>TECENDO FIOS: DIÁLOGOS TEÓRICOS</i> .....	13
<b>Quem tem medo do corpo, do sexo e do gênero?</b> .....	15
Martha Giudice Narvaz Paola Zordan	
<b>(Des)construindo o gênero e a diversidade sexual na educação em sexualidade orientada para a ação: um estudo de caso múltiplo em escolas portuguesas</b> .....	33
Teresa Vilaça	
<b>Escolas Promotoras da Igualdade de Gênero: possibilitando experiências</b> .....	49
Lara Torrada Paula Regina Costa Ribeiro Juliana Lapa Rizza	
<b>Corpos, gêneros e sexualidades na docência: o que a Educação Física tem a ver com isso?</b> .....	63
Angelita Alice Jaeger Myllena Camargo de Oliveira	
<b>Práticas escolares: implicações na produção do corpo, da sexualidade e do gênero</b> .....	81
Nadia Geisa S. de Souza	
<b>Trans-tecendo os territórios da Educação em Biologia: tessituras com os corpos, gêneros e sexualidades</b> .....	99
Sandro Prado Santos Elenita Pinheiro de Queiroz Silva	
<b>“Nossa drag queen institucional”: o que pode um corpo drag na escola?</b> .....	111
Roney Polato de Castro Anderson Ferrari	
<b>Amores Possíveis e Corpos Libertos: uma discussão de gênero e sexualidade no filme Amigas de Colégio</b> .....	127
Raphael de Boer	

<b>Multiculturalismo e currículo escolar: o rap como ferramenta pedagógica para o empoderamento de mulheres negras e transformação social</b> .....	139
Cristiane Barbosa Soares	
Fabiane Ferreira da Silva	
<b>Sexualidade e Deficiência: apontamentos sobre a educação sexual na escola inclusiva</b> .....	155
Ana Cláudia Bortolozzi Maia	
Teresa Vilaça	
<b>Metáforas da virilidade: O piropo na educação em sexualidade com perspectiva de gênero</b> .....	171
Filomena Teixeira	
Fernando Moreira Marques	
<b>Funk ostentação: Masculinidades de jovens contemporâneos</b> .....	189
Juliana Vargas	
Carin Klein	
<i>TECENDO FIOS NA ESCOLA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS</i> .....	201
<b>Dialogando sobre Gênero na EMEI Deborah Thomé Sayão</b> .....	203
Maria Angélica Machad	
Roselle Solano Rodrigues	
Vânia Oliveira	
<b>Educação sexual: reflexões na Alegria do circo!</b> .....	210
Camila Wally da Silva e Sousa Macedo	
<b>1,2,3... Gravando: as entrevistas como forma de conhecer o passado e discutir o presente das mulheres</b> .....	218
Verônica Canteiro Silveira	
<b>Resistência: as vantagens de ser (in)visível</b> .....	223
Ana Paula Vieira de Andrade Assumpção	
<b>A Sala da Diversidade: Saia do Armário – descubra-se como pessoa</b> .....	229
Alisson da Silva Rita	
<b>Mulheres: um espetáculo de teatro</b> .....	237
Marisa Barreto Pires	
<b>EMEJA Paulo Freire: espaços de diversidade, diálogo e resistência</b> .....	243
Flavia Gonzales	
<b>Corpos, gêneros e sexualidades: algumas possibilidades para o ensino de Ciências</b> .....	247
Suzana da Conceição de Barros	

<i>TECENDO FIOS NA ESCOLA: PROPOSTAS DE ATIVIDADES</i> .....	259
<b>A Música é...</b> .....	261
Fabiane Dionello Branco	
Fabiana Loréa Paganini Stein	
<b>Uma leitura possível através de lapbooks</b> .....	265
Marisa Barreto Pires	
<b>Adolescentes e seus dizeres sobre sexualidade e gênero</b> .....	268
Fátima Lúcia Dezopa Parreira	
Elenita Pinheiro de Queiroz Silva	
<b>Gênero e Ciência: trilhando a história de algumas mulheres cientistas</b> .....	271
Fabiani Figueiredo Caseira	
Joanalira Corpes Magalhães	
<b>Campanha de prevenção ao Hiv/Aids: 365 dias do ano...</b> .....	278
Ana Luiza Chaffe Costa	
William Rodrigues	
<b>Mitos e Verdades sobre as violências de gênero</b> .....	281
Lara Torrada Pereira	
Luis Felipe Hatje	
<b>Meu nome, minha história</b> .....	283
Sabrina Silveira Schroeder	
<b>(Re)pensando os ditos populares</b> .....	286
Denise Machado Pinto	
<b>Fala Sério ou Com certeza?</b> .....	290
Lara Torrada Pereira	
Luis Felipe Hatje	
 <i>TECENDO FIOS NA ESCOLA: ARTEFATOS CULTURAIS</i> .....	 293
<b>Artefatos culturais: filmes, webséries, séries, Séries de televisão, livros</b> .....	 294
 <i>AUTORES/AS</i> .....	 305